

IMORTALIDADE E A ESPERA PELA FELICIDADE

Começemos com uma velha indagação filosófica de Platão, feita há cerca de 2400 anos: “Não é verdade que nós, homens, desejamos todos ser felizes?”¹

Um dos que respondeu a esta pergunta de forma precisa, cerca de dois mil anos depois, foi o matemático e filósofo francês Blaise Pascal, ao dizer que *“todos os homens procuram ser felizes. Isso não tem exceção, por mais diferentes que sejam os meios empregados. Todos tendem para esse fim. (...). A vontade nunca faz o menor movimento que não seja em direção desse objetivo. É o motivo de todas as ações de todos os homens, até daqueles que vão se enforcar.”*²

É fato que a lógica clássica e as regras de linguagem costumam condenar generalizações fáceis e superficiais do tipo “todo político é ladrão” ou “sempre haverá sofrimento”. Isto porque, ao usarmos adjetivos como “todo”, “nunca”, “sempre”, etc., estaremos deixando de lado a possibilidade de encontrar um exemplo só que seja que desminta a regra, que se propõe absoluta. Contudo, a despeito das recomendações lógicas e linguísticas, e com suporte em Platão, Pascal e tantos outros pensadores, parece ser possível admitir a generalização da afirmativa segundo a qual “todo ser humano busca a felicidade”.

De fato, a busca pela felicidade é uma das coisas mais bem distribuídas do mundo³. Dessa forma, tentemos relembrar uma das principais razões de ser da filosofia, qual seja, a busca pela felicidade, tida esta por Epicuro como “uma atividade que, por discursos e raciocínios, nos proporciona uma vida feliz”.⁴

Não importa se se trata de um ser humano virtuoso ou vicioso, pois, ao analisarmos o móvel de suas ações, tanto de um quanto de outro, veremos que a busca pela felicidade é sempre uma constante. Tanto o sujeito caridoso, gentil e amoroso, ao agir assim, procura ser feliz, quanto o sujeito ruim, perverso e sádico, ao buscar no mal alheio um motivo de gozo, também procura com isso a própria felicidade. Claro que os conceitos de felicidade para um e para outro partem de premissas e interesses diferentes, porém isto, ao invés de nos desautorizar uma reflexão sobre o assunto, só torna a tarefa mais difícil e complexa.

Mas, então, o que é ser feliz? O que é preciso para ser feliz? Bastaria, como propõem Platão, Epicuro e Kant, “ter aquilo que se deseja”? Ou, senão tudo o que se deseja, pelo menos uma boa parte, a maior parte, do que se deseja? Mas aí, neste caso, cairíamos diante de dilemas que, longe de resolver o problema da felicidade, apenas o jogam para debaixo do tapete. Pois, *“ora desejamos o que não temos, e sofremos com essa falta, ora temos o que, portanto, já não desejamos – e nos entediamos, como escreverá Schopenhauer⁵, ou nos apressamos a desejar outra coisa.”*⁶

¹ *Eutidemo*, 278 e.

² *Pensamentos*, parágrafo 148 (425).

³ Não podemos afirmar categoricamente que seja “a mais bem distribuída”, pois com ela concorrem, segundo outros pensadores, o medo (Luc Ferry), o bom senso (Descartes), a estupidez (Frank Zappa), o egoísmo (Espíritos em *O Livro dos Espíritos*), dentro outras coisas.

⁴ Fragmento 218.

⁵ É desse filósofo alemão uma das frases que, segundo Sponville, é uma das mais tristes da história da filosofia: “A vida oscila, pois, como um pêndulo, da direita para a esquerda, do sofrimento ao tédio”. Sofrimento porque eu desejo o que não tenho e porque sofro com essa falta; tédio porque tenho o que, por conseguinte, já não desejo” (In *A Felicidade, Desesperadamente!*, p. 35).

⁶ Extraído do livro *A Felicidade, Desesperadamente!*, p. 27, de André Comte-Sponville.

Alguns exemplos são bem ilustrativos desse dilema que acabamos de invocar.⁷

Tal é o caso da criança que vive a ansiedade para ganhar seu presente de Natal ou de aniversário, pelo qual não para de sonhar, dia e noite, ao longo de vários meses. Essa mesma criança vive momentos eufóricos quando ganha o que esperava, mas só para, dali a pouco tempo, começar a se entediar irreversivelmente pelo brinquedo, pelo qual sonhara, mas que então já não continua a ser uma novidade, não sendo objeto de seus desejos, posto que não mais lhe faz falta.

Semelhante é a situação do desempregado. Quais coisas são tão angustiantes quanto o desemprego? Tanto mais quanto o desempregado tem uma família, com filhos pequenos com os quais se preocupa, para sustentar? *“Quão feliz eu seria”*, diz o desempregado, *“se tivesse um emprego”*. Mas isto parece só valer para o desempregado enquanto desempregado. Depois de conseguir trabalho, não raro o tédio se apodera dele, e o que antes lhe fazia falta passará a ser um tormento.

Outro caso interessante, narrado por Sponville, diz respeito ao seu espanto quando era criança e se apercebeu das dificuldades que um cego tinha para viver. *“Se esse cego recuperasse a visão, seria loucamente feliz, simplesmente por enxergar! E eu, que não sou cego, devia ser loucamente feliz por enxergar.”* Pronto! Estaria descoberto o segredo da felicidade! De agora em diante, vamos ser perpetuamente felizes, já que percebemos que a visão não nos falta! Porém... Nós não o somos. Pois é... Afinal, a visão – pelo menos a daqueles que podem ler este artigo – não é objeto dos nossos desejos.

Então a felicidade não passa de uma ilusão, ou melhor, de uma miragem? Estaria certo George Bernard Shaw quando disse que *“há duas catástrofes na existência: a primeira é quando nossos desejos não são satisfeitos; a segunda é quando são”*? Como sair, então, desse labirinto, que parece condenar a existência da felicidade à sua ausência? Que resposta o espiritismo nos propõe?

De fato, parece ser inquestionável que vivemos uma cultura que encharca os nossos espíritos de esperança no futuro – que por definição ainda não existe, e que ontologicamente nunca vai existir – ou de saudades do passado – que, também por definição, nunca vai voltar ou mudar. Em um ou em outro, futuro ou passado, é que estaria o altar de nossa verdadeira felicidade.

Mas o espiritismo, por sua vez, parece, em uma leitura apressada, não vir destruir a ideia e a sensação de que nossa felicidade estaria fora do presente. É até verdade que ele ajuda a nos libertar do desejo por uma volta ao passado, pois, enquanto espíritos em processo de aprendizado, certamente não temos muito do que nos orgulhar daquilo que fizemos em vidas anteriores. Contudo, o espiritismo possui como sustentáculo fundamental de toda a sua filosofia a crença na imortalidade da alma, na certeza de que, cedo ou tarde, seja no plano espiritual ou em outras vidas, reencontraremos as pessoas que amamos e que, sendo a perfeição nosso destino, um dia gozaremos da condição de espíritos bons e, em seguida, de espíritos puros. Nada mais lógico, portanto, senão deduzir daí que nossa felicidade verdadeira estaria não aqui, mas no futuro, quando viveremos como espíritos ditosos em mundos felizes junto àqueles que amamos. Nada mais legítimo ao espírita, portanto, do que “esperar” ser feliz no futuro, notadamente se nós não o somos agora, nesta existência.

Aliás, parece não ser outra coisa o que diz O Livro dos Espíritos em sua questão 920 e seguintes:

920. *Pode o homem gozar de completa felicidade na Terra?*

⁷ Os três exemplos citados a partir daí são extraídos da obra *A Felicidade, Desesperadamente!*, de André Comte-Sponville, pág. 29.

“Não, pois a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Dele, porém, depende a suavização de seus males e o ser tão feliz quanto possível na Terra.”

921. *Concebe-se que o homem será feliz na Terra, quando a Humanidade estiver transformada. Mas, enquanto isso não se verifica, poderá conseguir uma felicidade relativa?*

“O homem é quase sempre o obreiro da sua própria infelicidade. Pela prática da lei de Deus, a muitos males pode forrar-se, proporcionando a si mesmo felicidade tão grande quanto o comporte a sua existência grosseira.”

Aquele que se acha bem compenetrado de seu destino futuro não vê na vida corporal mais do que uma estação temporária, uma como parada momentânea numa hospedaria de má qualidade. Facilmente se consola de alguns aborrecimentos passageiros de uma viagem que o levará a tanto melhor posição, quanto melhor tenha cuidado dos preparativos para empreendê-la.

(...)

Contudo, a coisa não é tão simples assim. O espiritismo, para que seja bem compreendido, não tem como nos revelar toda a sua grandeza apenas pela leitura de alguns de seus pontos isolados. Assim sendo, vejamos o que essa doutrina propõe como entendimento da felicidade para além – ou aquém! – da esperança.

Como vimos, é fato inegável que a espera por uma vida futura é um dos pilares fundamentais do espiritismo. Contudo, essa afirmativa há de ser bem compreendida, pois o espiritismo, ao nos provar cientificamente a existência e a sobrevivência da alma⁸, de certa forma chega mesmo a eliminar a “esperança” na imortalidade enquanto decorrência da fé, entendida esta fé como aquilo que gostaríamos que fosse verdade, ainda que em detrimento da própria verdade. Explicando melhor, poderíamos dizer que o espiritismo, bem compreendido, não nos permite mais “achar”, e sim “saber” que os espíritos existem e que, portanto, a alma é imortal. Provando a existência do espírito pelos mecanismos mediúnicos, não há mais sequer que se falar em fé, no sentido em que usamos esta expressão para nos referir, p. ex., a uma crença cega e dogmática. Em suas obras, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino nos dão exemplos do que queremos dizer quando afirmam que no “Reino de Deus” não precisaremos mais de “fé” nem de “esperança”, pois conheceremos Deus, junto do qual só haverá verdade e amor. Daí porque a fé de que falamos é a fé raciocinada, de quem confia na razão e na ciência (espírita) como guias indispensáveis – embora não absolutos – para o nosso conhecimento. Daí porque a certeza na imortalidade constitui, por si só, uma grandiosa fonte de felicidade.

No entanto, mesmo a certeza científica a respeito da existência e da sobrevivência do espírito não garante ao ser humano – pelo menos não a todos – que ele seja feliz. Em alguns casos, na verdade, haverá pessoas que, por terem construído seus valores e, portanto, sua felicidade sobre bases puramente materialistas, vão repudiar qualquer evidência nesse sentido, chegando mesmo a se irritar e se incomodar com quem crê na imortalidade, pois a certeza dessa crença certamente traria para ele a necessidade de mudar seus valores e, portanto, sua conduta moral⁹. Para outras pessoas, que também compreendem mal o espiritismo, o saber que sobreviverá à morte do corpo físico, sem que isso lhe transporte imediatamente para um estado paradisíaco de felicidade¹⁰, pode

⁸ A esse respeito ver o artigo *A Excelência Metodológica do Espiritismo*, de Silvio Seno Chibeni, disponível em <http://www.geeu.net.br/artigos/exemet.html>

⁹ Como afirma Kardec a respeito destas pessoas, “para eles o Espiritismo não é um benefício, mas um estorvo; não há provas que possam dobrar sua obstinação; eles repelem-nas, menos por convicção do que por medo de que seja uma verdade” (Um Espírito que Julga Sonhar, Revista Espírita, fevereiro de 1869).

¹⁰ Afinal, são incontáveis os casos de espíritos sofrendores e infelizes, conforme podemos ver especialmente no livro *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec.

se tornar até mesmo mais uma causa de tormento, pois poderão passar a viver a expectativa de que a infelicidade se prolongará também na outra vida.

Qual, então, o verdadeiro sentido da felicidade que devemos perseguir, não mais apenas para viver uma existência única, fugaz e incompreensível, como sói acontecer se tivéssemos apenas esta única vida material, mas sim a felicidade de seres imortais? O que proporciona, portanto, a felicidade de um espírito imperecível, plenamente ciente desta sua condição? Ou, lembrando de uma das perguntas filosóficas fundamentais feitas por Kant, o que o verdadeiro espírita deve esperar?

Para responder a estas questões, devemos lembrar que associada à felicidade proposta pelo espiritismo, relacionada não à “esperança”, mas à “certeza” de uma vida futura, está aquela outra decorrente das mudanças que fazemos em nosso ser, no nosso íntimo, no nosso caráter. É, portanto, pela progressão, tanto intelectual quanto moral, feita apenas no presente e que independe do que esperamos com relação ao futuro, que passamos também a gozar de uma verdadeira felicidade.

Dizemos “progressão moral” porque precisamos nos lembrar da caridade¹¹. Devemos ter com relação à caridade, que embora a princípio deva ser feita por dever, a meta de torná-la algo inerente à nossa personalidade. Devemos ter como meta não “fazer a caridade”, por obrigação, mas sim “ser caridosos”, por natureza, porque passaremos a ser assim e porque isso nos deixará felizes. Esta vivência, e a felicidade que dela decorre, independe de qualquer espera, de qualquer futuro ou passado. É a felicidade dos Espíritos bons, que “*são felizes pelo bem que fazem*”¹², para os quais “*o bem se lhes tornou um hábito*”¹³ e que “*fazem o bem sem ideia preconcebida*” e “*sem visar a qualquer recompensa*”, seja na terra ou mesmo na outra vida¹⁴. Felicidade ainda distante de ser plenamente entendida por nós, mas que deve ser a meta pela e para a qual vivemos.

E qual a novidade nisso? Nenhuma, se vista por um prisma, porém brutal, se vista por outro! Isto porque o espiritismo nos ajuda a perceber esta realidade a partir do testemunho e dos relatos de felicidade genuína e sincera proporcionada às pessoas (espíritos) que verdadeiramente aprenderam a vivenciar o amor. E também ao nos propiciar e demonstrar, através do intercâmbio mediúnico, a felicidade e as potencialidades reservadas aos espíritos bons¹⁵, que começam a ser sentidas não apenas no plano espiritual (futuro), mas na própria vida de espírito encarnado (presente). Isto porque a felicidade reservada àqueles que aprendem a amar não está condicionada ao “estar em” determinado lugar, mas sim à nossa transformação íntima¹⁶.

Ressaltamos igualmente a “progressão intelectual” porque a alegria e a felicidade de aprender e conhecer também independem da espera pelo futuro ou da lamentação do passado. Daí porque disseram os espíritos, dentre outras coisas, que a felicidade dos Espíritos Bons consiste em estes “*conhecerem todas as coisas*”¹⁷. Contudo, o prazer de conhecer e aprender, apesar de ser atemporal, não nos é dado de graça. Ele também é uma conquista, que demanda tempo e disciplina. E é por isso que, assim como muitos de nós ainda não consegue entender a felicidade dos espíritos que vivem apenas para fazer o bem em detrimento de seus interesses pessoais, outras pessoas não entendem, p. ex.,

¹¹ Para uma melhor compreensão da caridade, ver o artigo “A Salvação Segundo o Espiritismo”, disponível em http://www.geak.com.br/site/upload/midia/pdf/a_salvacao_segundo_o_espiritismo.pdf

¹² Questão 967 de *O Livro dos Espíritos*.

¹³ Questão 894 de *O Livro dos Espíritos*.

¹⁴ Questão 897 de *O Livro dos Espíritos*.

¹⁵ Referimo-nos aqui ao sentido de “espíritos bons” conforme detalhado por Kardec na explicação da escala espírita (*O Livro dos Espíritos*, questões 100 a 113)

¹⁶ Conforme detalhado na Parte Quarta de *O Livro dos Espíritos* (Das Esperanças e Consolações), cap. II (Das Penas e Gozos Futuros)

¹⁷ Questão 967 de *O Livro dos Espíritos*.

o prazer que certas pessoas gozam simplesmente em estudar e debater assuntos edificantes com seus amigos.

Neste ponto já podemos avançar um pouco mais e deixar claro que renunciar à “espera”, enquanto referencial de felicidade, não significa que devemos deixar de considerar o futuro. De modo algum. Antes, porém, é necessário aprender a pensá-lo, a querer e a amar melhor. Nas palavras do próprio Sponville, não podemos:

“viver uma vida reduzida à sua pura instantaneidade presente, renunciando a qualquer futuro, a qualquer projeto, a qualquer antecipação. É claro que não poderia ser assim: seria a vida de um animal, amarrado ‘na estaca do instante’, como dizia lindamente Nietzsche, e o contrário do que buscamos (uma vida mais humana, mais livre, mais vasta). (...).

Não se trata de renunciar a toda e qualquer relação com o futuro, o que não podemos, o que não devemos, mas sim de transformar nossa relação com ele: passar da esperança à vontade, à prudência, como diziam os Antigos, à paciência, à confiança, à antecipação lúcida ou sonhadora, conforme os casos, à imaginação lúdica ou resoluta. (...). Quem não gosta de sonhar, nas férias, diante das casas que não tem, que imagina habitar? E quem não vê que isso é bem diferente de ‘esperar ter uma casa’, o que é uma infelicidade, se não temos, ou em todo caso o sinal de uma insatisfação, se temos... Você pode perfeitamente gozar por antecipação tal prazer anunciado, por exemplo, uma viagem, prevê-la, prepará-la, saboreá-la, por assim dizer, de antemão. Quer isso dizer que você deposita uma esperança na viagem? Claro que não: você sabe que vai fazê-la, e é por isso que é tão bom sonhar com ela. Não é esperança, é confiança, antecipação, imaginário, e estaria errado quem se privasse disso!”¹⁸

Assim podemos vislumbrar o modo como o espiritismo mostra a felicidade enquanto algo possível não só em função do porvir (certeza na vida futura), mas também pela transformação do nosso caráter, cujas alegrias podemos viver já no presente (ausência de espera).

Confiemos, portanto, na vida futura, porém imersos no presente, que é o tempo de se viver, de executar projetos, de ser feliz. Foi o que nos recomendou Jesus no sermão da montanha ao dizer *“Olhai os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam; e eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda sua glória, se vestiu como um deles. (...) Não vos inquieteis, pois, com o dia de amanhã, porque ele cuidará de si mesmo. A cada dia basta o seu mal”*¹⁹. Mas leiamos bem: não devemos nos preocupar com “o dia de amanhã”! Ele não nos disse que não devíamos “nos preocupar” com “o dia de hoje”! Renunciar à espera não significa que não devemos viver o agora ou, pior, viver o dia de hoje irresponsavelmente. Significa antes que devemos resolver nossos problemas e dificuldades no presente; ser felizes no presente; dando a ele sua devida importância, inclusive a de ser parte indispensável na construção de nossos projetos – mas projetos lúcidos, prudentes, razoáveis – de felicidade futura.

Logo, vê-se que o espírita, ou qualquer outra pessoa que procure a verdadeira felicidade, independentemente de sua crença ou descrença, deve, para construí-la, aprender a amar a vida e as pessoas no presente. *“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas”*²⁰, disse Jesus.

¹⁸ Extraído do livro *A Sabedoria dos Modernos*, de André Comte-Sponville (em co-autoria com Luc Ferry), pág. 312.

¹⁹ Mateus, 6, 28-29 e 34.

²⁰ Mateus 22:37-40.

Contudo, nós não conseguimos amar. E é por isso, por não conseguirmos amar, ou por amarmos ainda tão pouco e a tão poucos, e tão mal, que nós devemos primeiro aprender a vivenciar as virtudes, que são como que uma espécie de preparação para o amor²¹.

Esperemos um pouco menos, amemos um pouco mais. A felicidade é um caminho, uma viagem, não um destino ou um porto de chegada. O navegador brasileiro Amir Klink nos legou uma imagem bem representativa do que é isto ao completar sua travessia do oceano atlântico a remo, em 1984. Após 100 dias de viagem solitária, durante os quais ele enfrentou riscos e perigos os mais diversos, ele parecia não querer deixar seu barco nem o mar. Tendo ancorado a cerca de 30m de uma praia de Salvador, ele simplesmente sentou-se na proa e, com os pés mergulhados n'água, não demonstrava qualquer ansiedade de “pisar na areia” e terminar a viagem. Ao invés disso, ele muito mais lamentava o fim da viagem, por meio da qual tanto tinha aprendido e sido feliz.²²

Esperemos um pouco menos, amemos um pouco mais. Talvez assim consigamos nos livrar da sina diagnosticada por Pascal, para quem *“nunca vivemos, esperamos viver; e, dispondo-nos sempre a ser felizes, é inevitável que nunca sejamos”*.²³

Daniel A. Lima – 15 de março de 2012

²¹ A esse respeito, estudando as virtudes como uma espécie de “ensaio” para o amor, ver o excelente livro *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*, de André Comte-Sponville.

²² Ver o livro *100 Dias Entre o Céu e o Mar*, de Amyr Klink.

²³ *Pensamentos*, parágrafo 47 (172).